

Energia feminina

Diversidade Professora e aluna do curso de Engenharia de Gestão de Energia, no Câmpus Litoral Norte, atuam no fomento a uma perspectiva de gênero no mercado de trabalho da área

Ângelo Rockenbach*
Felipe Ewald**

“É mais tranquilo ter mulheres ao teu lado.” A frase de Larissa Ananda Hansen, 25 anos, pode parecer simples, mas tem uma profundidade que somente mulheres que trabalham em áreas dominadas por homens podem entender.

Larissa é estudante do curso de Engenharia de Gestão de Energia, uma das terminalidades do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, e conhece bem essa realidade. Ela conta que já chegou à graduação calejada nesse tipo de situação por ter feito um curso em eletrotécnica como parte do ensino médio. Em alguns trabalhos braçais do curso, superava as expectativas e era a primeira a finalizar as tarefas, o que fazia seus colegas homens se impressionarem: “Chegavam e perguntavam: ‘Tu já acabou?’ Eu aposto que, se fosse um homem que tivesse acabado primeiro, esse questionamento não existiria”. Nesse tipo de tarefa, ela se sentia pressionada pelos outros, como se estivessem à espera do seu erro, que não seria perdoado tão facilmente quanto fosse um homem.

Na UFRGS, Larissa se sente mais à vontade, mas ainda assim é impossível não perceber a prevalência masculina na área. Dos 15 professores do curso, apenas três são mulheres. Uma delas é Aline Cristiane Pan, que revela que, desde que passou a lecionar para o curso oferecido no Câmpus Litoral Norte – há

quatro anos –, foi apenas no último semestre que encontrou suas primeiras alunas mulheres. Em contrapartida, foram quatro de uma só vez, incluindo Larissa.

“É mais tranquilo ter mulheres ao teu lado”

Larissa A. Hansen

Aline é voz ativa na busca pela diversidade de gênero dentro da área da energia. Ela é uma das cofundadoras da Rede Brasileira de Mulheres na Energia Solar (Rede MESol). A iniciativa atua em diversas frentes, promovendo cursos de capacitação, elaborando manuais de boas práticas, participando de eventos e organizando reuniões. Tudo em função de conectar mulheres da área e informar a comunidade a respeito da importância da diversidade de gênero.

Citando estudo internacional, Aline afirma que uma empresa que tenha diversidade de gênero tem muito mais inovação e lucro. “Porque nós somos pessoas diferentes; os homens e as mulheres têm características diferentes, então vão abordar soluções de problemas de formas diferentes, vão inovar de formas diferen-

tes. Elas vão ter outro olhar. E com isso as empresas crescem.” E completa: “O avanço é a partir da diferença”. Larissa também observa diferenças entre homens e mulheres. O que percebe é que as mulheres tendem a ser mais organizadas e preocupadas com questões ambientais.

Políticas públicas – O preconceito se manifesta de diferentes formas no mercado. Aline, quando ainda lecionava na PUCRS, conta que ouvia histórias de alunas que viam seus projetos vetados pelos donos de empresas que contratavam os serviços de engenharia simplesmente por não terem sido feitos por homens. Um estudo realizado pela Rede MESol em parceria com instituições da Inglaterra e Alemanha concluiu que as mulheres inseridas no setor de energia, na média, são mais qualificadas que os homens e, mesmo assim, recebem um terço a menos. E, quando perguntadas sobre qual seria sua maior dificuldade para avançar na carreira, a resposta mais comum apontou a discriminação de gênero.

Dessa forma, a Rede defende o estabelecimento de políticas públicas que combatam a intolerância na área. O grupo entende que as cotas surgem como medida necessária para promover a equidade, assim como sistemas de apoio à paternidade – “mais de 40% das mulheres na área de ciências exatas, tecnológica e engenharia abandonam carreiras quando têm filhos”, diz Aline – e a análise curricular às cegas, como

forma de impedir que empregadores saibam se estão contratando homens ou mulheres.

Tanto Aline quanto Larissa, contudo, observam avanços na área. Aline conta que a Rede MESol tem sido cada vez mais requisitada em eventos. Em maio deste ano, integrantes da iniciativa realizaram uma palestra em um evento que reuniu 50 mil pessoas em Munique. No mesmo mês, a Rede foi responsável pela abertura do Congresso Brasileiro de Energia Solar 2022, realizado entre os dias 23 e 27 em Florianópolis. “A visibilidade começa a acontecer, não está como gostaríamos, mas está iniciando”, sintetiza Aline, que passou a receber ligações de organizações de eventos interessadas em dar espaço à diversidade de gênero.

Para Larissa, a prova do avanço está no próprio Câmpus Litoral Norte. Mais especificamente, na instalação da Usina Fotovoltaica: “O mais legal de tudo é que são duas mulheres responsáveis por acompanhar toda a obra”. Ela se refere às duas coordenadoras da empreitada, Aline e a professora Juliana Klas. “Ver que mulheres estão à frente disso é muito reconfortante. Saber que a gente pode.” Estimulada pela experiência, Larissa planeja, ainda neste ano, abrir uma empresa na área de eficiência energética e gestão de energia junto com dois colegas de curso.

*Estudante de Jornalismo da UFRGS
**Repórter

Usina fotovoltaica como instrumento pedagógico

Após anos de tratativas e planejamentos – e adiamentos devido à pandemia –, foi no início de 2022 que a Usina Fotovoltaica do Câmpus Litoral Norte saiu do papel e passou a ser materializada. A instalação dos 996 módulos fotovoltaicos espalhados por uma área de 744m² começou em janeiro e faltam apenas detalhes para que comecem a funcionar.

A usina produzirá energia durante o dia, consumindo o que for necessário e injetando o excedente na rede elétrica, que poderá ser utilizado para abater na fatura de energia elétrica da UFRGS. Dessa forma, a professora e coordenadora do projeto Aline Pan projeta que o montante de R\$ 1,7 milhão investido, obtido por meio de edital do Programa para Desenvolvimento em Energias Renováveis e Eficiência Energética na Rede Federal, se transforme em um lucro de R\$ 6 milhões em 20 anos.

Aline explica que docentes e discentes da terminalidade de Engenharia de Gestão de Energia participaram ativamente da instalação da usina: “Antes de a gente ter a primeira conversa com a empresa que viria instalar, eu já comecei a trabalhar com os alunos possibilidades pra gente chegar às discussões com bastantes estudos feitos”. A docente revela que a usina foi pensada para além da questão financeira. A ideia é que ela possa fomentar a pesquisa e o desenvolvimento do litoral norte. Para tanto, o espaço contará com uma estação solarimétrica. “Ela vai medir com uma célula padrão a irradiância, o que tá chegando do sol.” As informações captadas possibilitarão a criação de um banco de dados, que será útil em futuros investimentos energéticos na região, pois, como diz Aline, “o investimento em energia se faz quando tu tem domínio da área”.



Vista aérea da usina fotovoltaica com 996 módulos instalada em uma área de 744m² no Câmpus Litoral Norte

DIVULGAÇÃO